

— Deus te recompense!...

— Que a sua misericórdia te abençoe! — exclamou o instrutor acariciando-lhe os cabelos. — Seguir-te-ei daqui com as minhas preces e esperar-te-ei confiante na vitória futura!...

A generosa amada de Pollux ainda se conservou no templo, até o fim do dia.

Ao crepúsculo, quando se despediam, no espaço os raios dos três sóis diferentes, em deslumbramento de côres, Alcione reuniu-se a numeroso grupo de amigos e orou com fervor, suplicando as bênçãos do Pai misericordioso.

O firmamento enchia-se de claridades policrômicas e deslumbrantes. Satélites de prodigiosa beleza começavam a surgir na imensidade, envolvendo a paisagem divina num oceano de luz.

A carinhosa benfeitora osculou a fronte dos companheiros de serviço divino e partiu...

Dai a instantes, chegava ao templo uma pequena caravana de entidades jubilosas. Era a reduzida expedição que operava nas esferas de Sírius. Um dos seus componentes, depois de fixar a vastidão do céu, entrou no templo e dirigiu-se a Antênio, interrogando:

— Quem é o viajor que vai seguindo na direção das Faixas Negras?

— É Alcione, que se propôs novo trabalho entre os espíritos incarnados na Terra.

— Que dizes? — revidou tomado de espanto — Alcione beberá novamente o cálice amargo de tamanha renúncia?

— São os sacrifícios do amor, meu filho! — respondeu o preposto de Cristo, evidenciando compreensão e serenidade. — Só o amor poderia compeli-la a permanecer ausente do nosso Amado Lar.

Então, saíram todos para o jardim resplendente que rodeava o santuário, e contemplando a figura luminosa que se afastava rumo às zonas obscuras, enviaram á abnegada companheira que partia para tão longa e perigosa viagem, seus votos de confiança e amor, em preces sinceras.

II

ANSEIOS DA MOCIDADE

No dia 7 de junho de 1662, Paris em pêso não comentava outro assunto senão as esplendidas festas populares do Carroussél, que Luiz XIV havia improvisado em frente às Tulhérias. Dizia-se que o rei estava perdidamente apaixonado por Louise De La Vallière, e que a festividade não obedecera a outro motivo senão homenagear a favorita, não obstante a reserva com que ambos se entregavam ao culto das relações afetivas.

As duas noites precedentes haviam assinalado ruídos alegrias populares e animadas reuniões elegantes nos salões mais ricos da Côrte. Grande massa de forasteiros invadia os hotéis, principalmente as famílias abastadas procedentes do norte e das cidades vizinhas, atraídas pelo espetáculo inédito do grande feito.

Dizia-se que o soberano mostrava-se agora mais acessível e generoso. Paris estava farta de guerras externas e recordava-se, com temor, das gigantescas lutas internas pelas atividades da Fronde. Terminara o período de influência do Cardeal Mazarini e o espírito popular banhava-se nos boatos de elevadas perspectivas e supremas esperanças. A cidade inteira aguardava, ansiosamente, largos benefícios públicos e novas instituições.

Na tarde desse dia, compartilhando da alegria geral, dois jovens passeavam de carro, nas imediações da Porta de São Diniz, entre os enormes movimentos da antiga Ville, comentando as deliciosas emoções da véspera.

A viatura muito leve, seguia harmoniosamente o

trote de soberbo cavalo normando, cujas rédeas eram manejadas com maestria por Cirilo Davenport, tendo ao lado a jóven Suzana Duchesne, sua prima, graciosamente trajada ao sabor da época. O pequeno veículo tinha o interior ornado de soberbas azaléias, colhidas pela joven num jardim de Montmartre. O joven par havia empreendido a excursão desde o meio-dia. Suzana visitara duas famílias importantes de suas relações, buscando rever antigas amizades. Entregara-se ás mais alegres expansões junto do primo, que, embora correspondesse fraternalmente ás suas manifestações afetivas, denotava agora preocupação inhabitual, enquanto a joven tagarelava, obedecendo aos costumes e caprichos da futilidade de todos os tempos:

— Não concordei com os adornos escolhidos para os salões de Madame de Choisy. A festa perdeu muito com aqueles enfeites coloridos e esvoaçantes.

— Não reparei bem — respondeu Cirilo mergulhado noutras reflexões.

— Fiquei cansadíssima de tanto ouvir confabulações atinentes á vida alheia. Sou avessa á maledicencia, mas, como sempre acontece, não podemos ficar indiferentes aos eventos do ambiente social. Por isso mesmo, estou ansiosa de regressar á nossa paz de Blois.

E como o primo não respondesse, muito vivaz e palradora, continuou:

— Já sabes como se processou a aventura amorosa do rei?

— Não.

— Luis (1) não havia destacado a humilde descendente dos Le Blanc entre as mulheres que frequentam a Córte, mas o fato é que começou a dispensar muitas simpatias a Henriqueta (2). Iniciaram-se os idílios carinhosos, mas a cunhada tratou de salvaguardar, quanto antes, a sua reputação de honestidade e começou a encontrar-se com o rei em companhia de Mademoiselle De La

(1) Luiz XIV.

(2) Henriqueta Anna, de Inglaterra — *Notas de Emmanuel*.

Valliére, que era, então, do grupo de damas do seu séquito. Dêsse modo, afastava qualquer suspeita direta. Contra qualquer impressão menos digna, poder-se-ia dizer que Luis lhe frequentava o ambiente doméstico, não com o propósito de avista-la, mas para encontrar-se com a pobre menina. Foi nesse jôgo que appareceu a mortificante situação que Henriqueta não poderia esperar.

Depois de breve gargalhada irônica, Suzana rematava o comentário impiedoso:

— Luis apaixonou-se desvairadamente e temos agora o escandalo, que constitúe o prato do dia para a voracidade das más linguas. Não conheces todos esses detalhes, porventura?

— Ah! — exclamou o joven Davenport revelando propósito de modificar os rumos da conversação — o que não ignoro é que o soberano é casado com a rainha.

— Ora! ora! — a pobre dona do cétro é uma vítima da politica espanhola.

Observando, todavia, que o rapaz se calava, Suzana timbrou outra tecla das críticas sociais para chamar-lhe a atenção, dizendo:

— Reparaste a Henriqueta lá no baile? As suas convidades estavam escandalosamente vestidas...

O moço fez um gesto de enfado e replicou:

— Quasi não me detive no exame dos trajés.

— Entretanto dansaste todos os numeros.

Renovando a apreciação acerada, prosseguiu:

— Henriqueta coloca em dificuldade a todos nós que temos alguma ligação com as ilhas. O que posso afirmar é que seu temperamento seria outro, se tivesse alguns principios da educação irlandesa.

— Mas a pobre princesa muito sofreu na infancia — atalhou Cirilo advogando-lhe a causa.

— Essa circunstância, contudo, não devia ser uma razão para conduzi-la a tantas leviandades. Julgo que o sofrimento deve servir para temperar o carater de outro modo...

— Todavia — observou o rapaz — ela é atualmente casada. A análise de suas atitudes deve ser tarefa privativa do marido.

— Ora essa! E supões, acaso, que Monsieur Filipe (1) está aparelhado para impôr-lhe a educação espiritual de que precisa?

— Quem sabe?

Esta resposta foi dada em tom de profundo desinteresse, desautorizando qualquer discussão nesse particular. Reconhecendo-o, Suzana fez longa pausa e absteve-se de novos comentários.

A elegante viatura voltou do seu longo trajeto, dirigiu-se para a rua Barillerie, na Ilha, onde estacionou por minutos, á frente de uma casa comercial, e depois tomou rumo da antiga rua de São Diniz, levada ao trote do magnífico animal.

Decorrido algum tempo, a moça retomou a palavra, dando conta da sua inquietação feminina:

— Não desejarias ir conosco, mais logo, ao Teatro do Petit Bourbon?

— Não, não; hoje não me sinto disposto a aderir ao programa do Sr. Molière.

A carruagem aproximara-se da velha ponte de São Miguel, sobre um braço do Sena.

O crepúsculo ia um tanto adiantado, mas estava embalsamado de perfumes primaveris. Ventos suaves farfalhavam a copa florida de duas grandes árvores próximas. Impressionado, talvez, com a sugestiva beleza da tarde que se vestia no imenso anil do céu, o joven Davenport fitou a companheira com expressão diferente, e falou:

— Suzana, tenho a alma de tal modo repleta de sensações ignoradas para mim, que muito desejaria abrir o coração a quem me compreendesse. Não quero, porém, comentar os assuntos da Côte nem do Teatro. Necessito de uma palestra espiritual, em que eu diga o que sinto, encontrando quem me entenda. Que me interessam o desvio do rei ou a comédia que conquista a atenção dos mais fúteis?

A companheira ruborizou-se. Apertou, disfarçada-

(1) Filipe de Orleans, irmão de Luis XIV. — *Nota de EMMANUEL.*

mente o seio, onde o coração batia descompassado. Ha quanto tempo esperava aquele minuto adorável, que lhe permitisse examinar com Cirilo a intensidade do seu afeto? De muito cedo habituara-se a admira-lo como o personagem dos seus sonhos de mulher, e não era segredo, em família, o projeto de uma união pelos élos conjugais. Ambos haviam nascido na Irlanda, mas sua mãe que era francesa, obrigara o progenitor a transferir-se para o país de origem, de ha muitos anos. Suzana, porém, nunca perdera o contacto com a terra do seu berço. Não obstante as dificuldades naturais da época, visitava, periodicamente, a terra que a vira nascer.

Acabava de atingir os vinte anos, enquanto Cirilo tocava os vinte e cinco. Não seria, então, o momento azado para realizar o sublime ideal? É verdade que sempre aguardara, ansiosamente, do primo as primeiras declarações de amor, a-fim-de entreter com mais segura esperança, os seus deliciosos projetos de ventura. Cirilo, todavia, jamais se manifestara a tal respeito. Ela sabia, contudo, justificar-lhe as reservas expansivas, pelas singularidades de temperamento que o caracterizavam. Embora jovial e sincero, enérgico e impulsivo, era muito discreto nas questões da palavra. Raramente prométia, porque, após o compromisso, materializava as declarações fôsse como fôsse, pelo mal ou pelo bem.

Suzana passou em revista todas as conjecturas e julgou-se dona de uma situação favorável. Aliás, estava certa de que o primo, após desligar-se dos serviços que o retinham na Sorbona, demandaria a Irlanda, onde a família o aguardava cheia de esperança, para os enormes trabalhos da propriedade rural, de que seus pais e irmãos se mantinham.

De olhos fulgurantes, a joven respondeu entre satisfeita e comovida:

— Acaso poderias supôr que te não compreendo? Fala-me, Cirilo!... Não desejarias gozar um pouco desta amenidade vespertina? Paremos o carro. Sentemo-nos ali perto da ponte, alguns minutos, vendo deslizar as águas mansas...

O rapaz obedeceu sorridente e satisfeito. Abrigou a carruagem num posto proximo e dando o braço á companheira graciosa, dirigiu-se para os bancos de pedra, que se localizavam nas extremidades da construção muito antiga. O moço trazia os olhos escuros mergulhados numa onda de paixão dominadora.

— Suzana, — disse tomando-lhe a destra em attitude fraternal, como quem busca um refúgio — nunca experimentei no coração o que sinto agora. Minha alma está cheia de sonhos e esperanças sublimes. Ah! o amor é o generoso vinho da vida!...

A joven fizera-se muito pálida. Deveria ser aquele o minuto decisivo do seu destino. Certamente, Cirilo lhe revelaria os propositos mais intimos, falaria do sonho doirado de suas esperanças de moça. Casar-se-iam muito breve... Buscariam a felicidade, abandonariam a França pela Irlanda, a-fim-de cultivarem a ventura conjugal no ambito de cariciosas tradições familiares. Mergulhada em formosas visões, seus olhos brilhavam de intenso júbilo, enquanto o joven Devenport continuava:

— Edificar em ninho doméstico, ter filhos que nos acariciem e garantam a ventura, não será o ideal mais nobre da vida?

Suzana Duchesne apertou-lhe a mão com mais carinho, desejou, com ansia enlaçar-lhe o busto no impulso de sua afeição desvairada, beijar-lhe repetidamente a formosa cabeleira. Sentia-se estonteada de alegria e de esperança, mas ainda não havia acordado de sua visão fantástica, quando ele perguntou, fraternalmente, depois de uma pausa mais longa:

— No entanto, será que ela me ama com igual paixão?

Ela? A pergunta vibrou estranhamente aos ouvidos da joven, que se esforçou por dominar as primeiras impressões de assombro. Outra mulher, então, disputava com ela o mesmo sonho de amor? Monstruoso ciúme corrompeu-lhe as emoções mais gratas. O coração fechara-se-lhe de súbito. Não suportaria semelhante afronta. Lutaria pela posse de Cirilo, até o crime ou até a morte. Para isso, seguira-lhe os passos como sentinela fiél, desde a

infancia, e, aos seus olhos, o título de esposa deveria pertencer-lhe como patrimonio incontestado. Verificando, contudo, que o primo observava com estranheza a demora da resposta, cobrou alento em situação tão difficil e replicou:

Ela? Ignoro a quem te referes, querido. Explica melhor para que te possa compreender.

— Madalena Vilamil — esclareceu o rapaz, arroubadamente.

Ah! agora, tinha na modulação daquelas duas palavras a chave da questão que se lhe figurava aos olhos um profundo enigma. Identificara a grande e natural inimiga. Não lhe perdoaria nunca. Subjugada por enorme desespero íntimo, recordava que fôra ela propria quem apresentara ao primo a joven amiga, em vésperas das famosas festividades parisienses. Notou que ambos haviam demonstrado recíproco interesse; que, desde então, palestravam animadamente em todas as oportunidades e contudo, jamais pudera imaginar a possibilidade de uma aproximação afetiva de tamanhas consequencias. Sómente aí, percebeu o interesse de Cirilo pela companhia de Madalena, nos bailados da véspera. Tinha a impressão de ainda estar vendo-a com aquela atraente fantasia espanhola, que chamara a atenção de pessoas eminentes da Córte. No quadro da imaginação superexcitada, não mais a considerava associada fraternal de passeios e diversões, mas adversária perigosa que urgia afastar do caminho. Conhecera-a numa visita que Madalena fizera, em companhia do pai, velho fidalgo espanhól arruinado, ao formoso e tradicional palácio da antiga Córte francesa, em Blois. Simpatizara com os seus dotes de inteligência e com as maneiras simples que lhe assinalavam as atitudes; e seu progenitor, Jaques Duchesne Davenport, manifestara pela joven espontanea admiração e sincera amizade. Não sómente pelas afinidades naturais, mas também no intuito de agradar o coração paterno, dedicado e carinhoso, Suzana afeioara-se á Madalena com singular interesse. Ela e sua irmã Carolina, nas constantes viagens a Paris, visitavam-na frequentemente em sua residencia de Santo Honorato, e sentiam prazer na sua com-

panhia alegre e inteligente. Desde aquele instante, porém, a moça Vilamil estava condenada á sua aversão cruel. A amizade nobre convertia-se em ódio instantaneo e perigoso. É verdade que Madalena não podia saber das cogitações de seu íntimo, mas não conseguia deter a onda de pensamentos ultrizes que, num instante lhe invadiam a mente, apossando-se impiedosamente do seu coração. Não toleraria tal preferencia do primo, mesmo porque lhe doia na alma como insulto feroz.

— Recordas, acaso, daquela derradeira melodia aragonesa que Mademoiselle Vilamil executou ao cravo com tanta graça? — perguntou o joven, alimentando as proprias reminiscencias.

Excessivamente pálida, esforçando-se por disfarçar a intensa emoção que a dominava, a moça fixou em Cirilo o olhar enérgico, orgulhoso e obtemperou:

— Mas isso é infantilidade da tua parte. Francamente, sempre considereei refinado o teu senso artistico. Madalena, de maneira alguma pode corresponder ás exigencias do teu nome e da tua posição.

— Exigencias do nome? — respondeu o rapaz mostrando-se agitado. Julgas, então, que me case em obediencia aos outros, em desacôrdo com as minhas inclinações?

— Não é bem isso — retrucou a moça compreendendo a firmeza de resolução que defrontava — não quero dizer que ela desmereça inclinações afetuosas; mas não concordo que seja a criatura indicada a tomar-te a mão de esposo.

— Por que? — perguntou o joven, mal humorado.

— Desejarias, porventura, que te aprovassem o casamento com uma pobretona espanhola, nascida nos confins de Granada?

— E se alguém afirmasse que somos irlandeses dos confins de Belfast, seríamos por isso menos respeitáveis?

Suzana mordeu os lábios, revelando cólera profunda e respondeu:

— Cirilo, onde colocas o altar sagrado da família? Que ha para te mostrares tão desinteressado em face de nossas tradições familiares? Apresentei-te Madalena, ha

poucos dias, mas não podia acreditar se engendrassem em teu espírito laços tão perigosos e detestaveis. Adotei-a como amiga intima, em vista da profunda simpatia do papai, a quem nunca cessarei de agradar, em obediencia ao amor e gratidão que lhe consagro. Nossas afinidades, no entanto, não vão além disso, porquanto não lhe reconheço qualquer destaque justo para o quadro de nossas relações. Como afirmei, trata-se de uma predileção de papai e...

Mas não terminou, porque o rapaz emitindo um olhar mais duro, cortou-lhe a palavra nestes termos:

— Não acuses, Suzana. Sempre atendi a meu tio, antes que a meus proprios pais. Conheço-lhe o bom senso e não posso permitir...

Desta vez, no entanto, foi a joven que, ponderando a inconveniencia da discussão acalorada, aproveitou-se da pausa espontânea, sentenciando contrafeita:

— Ora, Cirilo, acalma-te. A irritação impede qualquer entendimento mútuo.

Fixou-o com disfarçada angústia. Agora que sentia tão profundamente ameaçados os seus sonhos de felicidade, achava-o mais belo que nunca. Em outras ocasiões, conservava a esperanza mas não experimentava tantos zelos. Não era Cirilo o seu ideal? Que poderosa atração a retinha encarcerada no seu sonho de ventura, sem energias para renunciar a favor da outra, que lhe ocupava o coração sincero? Sentiu que forte emoção lhe afetava as fibras mais intimas e com dificuldade afogava o pranto no peito opresso, receando chorar diante do primo engolfado em graves pensamentos.

— Cirilo — disse com entono mais delicado na voz — não te agastes comigo. Quero auxiliar-te fraternalmente. O rapaz comoveu-se com a mudança súbita e replicou:

— Sim, conto com a tua boa vontade de sempre. Ajuda-me a refletir. Necessito orientar e fortalecer meu espirito.

— Não posso dizer que esteja absolutamente certa nas minhas apreciações — exclamou fundamente modificada em sua primeira attitude — mas precisarás refletir

com mais calma. O pai de Madalena é um nobre espanhol arruinado, que se incompatibilizou com os elementos mais influentes da Corte de França. Aqui está, em Paris, há muito tempo, em sérias dificuldades financeiras, não obstante ter vindo no séquito da rainha.

— Já conheço D. Inácio Ortegas Vilamil — esclareceu o rapaz, solícito — estivemos juntos no Carroussél ante-ontem, á noite. Não duvido que se trate de um homem pobre, mas é bastante simpático e portador de um temperamento expansivo, que me agradou muitíssimo.

— Mas é um fidalgo sem fortuna, cuja situação é francamente condenável, pois perdeu-a nas dissipações da vaidade e do jogo, segundo consta em nossas rodas mais intimas.

— Quanto a isso, precisamos ampliar a nossa compreensão da vida — obtemperou o rapaz convictamente — meu pai, como não ignoras, não fez excessos nem arriscou dinheiro em aventuras; entretanto, conta hoje com reduzidíssimos recursos, devido as perseguições religiosas desencadeadas na Irlanda.

Suzana compreendeu que toda argumentação naquele momento lhe desfavorecia as pretensões e propositos mais ardentes.

— D. Inácio — acrescentou com velada ironia — não poderia nem mesmo cogitar da concessão de um dote á filha...

— Nunca me casarei visando um dote, Suzana!...

A moça escondia a muito custo o seu rancor, mas ponderou ainda:

— Pois trata-se de questão muito importante, e talvez venha a ser por isso mesmo que Madalena se recuse a ceder aos teus caprichos juvenis...

— Como assim? — interrogou, impressionado pela maneira como foram pronunciadas tais palavras.

— Talvez ignores — disse ela resoluta, como quem guarda os trunfos do jogo para o fim — que a tua eleita está prometida, por decisão dos pais, ao seu primo Antero de Oviedo Vilamil, que cresceu a seu lado, como irmão.

Desta vez foi Cirilo a esboçar atitude de entranhado assombro. Sem poder dominar-se, profundo rancor se apossou dele. O cume que devastava a joven Duchesne apuava-lhe agora o coração.

— Será crível? — perguntou lívido.

— Sim, disse a moça, gosando com a sua amargura íntima, — D. Inácio, dizem, ha quasi dois anos vive á custa do rapaz, que não se entregou a tal sacrificio sem um proposito deliberado. É sabido que a prima constitue o seu sonho de amor, não obstante Madalena pareça insensível a esse afeto. O fato incontestavel, todavia, é que a familia Vilamil está totalmente empenhada nesse débito de vastas proporções.

Cirilo Davenport submergiu-se num mar de reflexões profundas. Não cederia a qualquer obstáculo. Madalena lhe tocara o coração como nenhuma outra mulher. Guardava nos ouvidos o som das suas ultimas palavras. Aspirava ainda o perfume da sua mão muito leve, entre as harmoniosas vibrações do último bailado. Ouvia, enlevado, as músicas aragonesas que ela havia dedilhado no cravo, ainda na véspera. Seus sentimentos mergulhavam-se na mesma ansiedade experimentada ao ouvi-la falar da Espanha distante. Os temas castelhanos jamais o haviam preocupado a qualquer tempo e no entanto, aquela afeição imensa despertava-lhe interesses novos, abrasava-lhe a alma, qual vulcão ardente. Estava convicto de que Madalena fôra igualmente sensível ao seu amor. Apertara-lhe a mão, apaixonadamente, nos bailados. Seus olhos fulgiam de sublime afeto. Onde estava ele, que não houvesse de lutar com o rival até nos confins da Terra? Era indispensavel afastar Antero de Oviedo a qualquer preço. Sua presença tornava-se indesejavel no caminho. De olhos fixos no espaço, desvairado pela emoção que o dominava, o joven Davenport parecia não mais ver a prima ao lado, nem mesmo a beleza silenciosa do crepúsculo, que se despidia com o fulgir das primeiras estrelas.

— Não desistirei! — bradou em voz alta, como se dialogasse com uma sombra importuna.

Ouvindo-lhe a exclamação estranha e inesperada, Suzana experimentou intenso choque. Aquela sentença em

voz estridente assustou-a. Tomou-se de justificado receio e exclamou:

— Vamos, Cirilo. É noite quasi fechada e esperam-me para o espetáculo.

O moço Davenport seguido da joven que lhe acompanhava o profundo silêncio, procurou o veículo, tomou as rédeas quasi maquinalmente e deu o sinal de partir. Suzana atirou ao solo algumas azaléias murchas, em attitude de enfado e, enquanto ambos se engolfavam em penoso mutismo, a viatura rodou céleremente na direção de uma casa residencial de nobre aspecto, em frente da ponte do Cambio, onde a prima se hospedava.

Em vão, a joven Duchesne insistiu para que fôsse ao teatro; debalde rogou que a acompanhasse até o interior doméstico. Ele recusou todos os convites afetuosos e imprimindo ao carro nova direção, seguiu a galope para o seu hotel em São Germano.

De quando em quando o chicote estalava no dorso do belo animal que, então, parecia sofrer a mesma inquietação do dono.

Depois de recolher o veículo a enorme galpão destinado ás carruagens da época e conduzir o cavalo a estrebaria proxima, Cirilo Davenport sufocado por angustiosos pensamentos saiu á rua, ansioso por banhar a fronte atormentada nos carinhosos ventos da noite. Atravesou ruas e praças engolfado em vastas meditações, alheio ao grande movimento de pedestres e viaturas ao longo dos caminhos. Não se deteve senão no mundo intimo, inquieto por conchavar e resolver os problemas torturantes.

Chegara á conclusão de que a existencia se lhe transformaria em breve tempo. Não podia suportar, sem graves danos, a continuidade das estroinices da juventude, e o conhecimento de Mademoiselle Vilamil induzia-o a pensar seriamente no matrimonio. No entanto, como encontrar a equação justa? Depois de certo periodo de estudos em Paris, prosseguia em serviço na Sorbona, onde a sua remuneração era regular, sem contudo permitir quaisquer perspectivas de futuro financeiro. Seu pai, Samuel Davenport, chamara-o mais de uma vez, aguardando-lhe a presença na Irlanda do norte, onde possuia valiosa pro-

priedade rural, apesar dos golpes sofridos. Como resolver a situação? Deveria casar e partir para as ilhas, ou visitar antes o lar paterno, para consorciar-se depois? Na primeira hipótese, sua attitude poderia ocasionar serios atritos com a família; na segunda, o intruso Antero poderia sair vencedor e anular-lhe os planos de felicidade. Recordou a simpática figura do tio, que sempre lhe entendera e amparara o coração, nos momentos difíceis e considerou a possibilidade de ir a Blois, a-fim-de ouvi-lo. Concluiu consigo mesmo que, tendo combinado com Madalena um encontro junto á igreja de Nossa Senhora, na noite seguinte, faria a viagem logo após o novo entendimento com a joven, que lhe enchera o coração de sonhos miríficos.

Após atravessar imenso labirinto de reflexões, voltou ao hotel, muito depois da meia noite, recolhendo-se ao quarto, extremamente nervoso, só conseguindo dormir alta madrugada.

No dia seguinte, atirou-se ao trabalho comum, de alma inquieta, pensamento voltado para a noite, quando teria o júbilo de rever a bem amada e renovar as doces emoções do espirito.

Muito antes da hora marcada, Cirilo postava-se á frente da majestosa catedral, andando de um lado para outro. A-fim-de evitar a curiosidade de transeuntes audaciosos, penetrou no santuário, em cujo interior magnífico permaneceu por instantes. Seus olhos eram indifferentes aos tesouros artísticos que o cercavam. Os capitéis preciosos, os arabescos dourados, os baixo-relevos, as estátuas maravilhosas, diluam-se numa atmosfera de sonho. Os sacerdotes e os nichos, as flores e os objetos do culto não lhe falavam ao coração. Quando surgiam no alto os primeiros astros da noite, Davenport regressou ao adro, passeando nervosamente ao lado dos belos degraus que davam acesso ao interior do templo, e que o progresso de Paris fez desaparecessem com a elevação do solo.

Entre aflições singulares, observou, atento, uma carruagem que parou nas proximidades, dela saltando três galantes criaturas em demanda ao santuário.

Madalena Vilamil, com efeito, junto de Colete e Ce-

cia, duas amigas da juventude, chegara com o pretexto de participar dos officios religiosos da noite, mas, em breves minutos, favorecida pela convivência das companheiras, isolou-se da romaria devocional, em companhia do joven Davenport, ansiosos ambos pela permuta de impressões afetivas.

Enquanto a viatura permanecia á espera e, ciente de que as amigas se entregavam ás práticas religiosas, Mademoiselle Vilamil tomava prazerosa o braço que o rapaz lhe oferecia, afastando-se alguns passos ao longo da praça extensa que se rodeava, então, de casas velhas.

Cirilo sentia-se o mais ditoso dos homens. Por surpreendente e misterioso mecanismo que seu espírito não conseguia compreender, resumia, agora, na joven todos os sonhos centrais da existencia. Falou-lhe, com desembaraço dos seus ideais mais intimos, revelando-lhe profundas impressões de sua alma ardente. Ele proprio estava surpreso com o manancial de espontanea confiança que lhe brotava do espírito pouco afeito a grandes expansões.

Madalena Vilamil, em identidade de circunstancias, tocava-se de sublimes emoções. Não era temperamento que confiasse sentimentos intimos, ao primeiro sinal de afeição. Sua mãe, descendente de nobres famílias do sul da França e seu pai, antigo fidalgo espanhol, haviam educado a filha única habituando-a a rigoroso critério no capítulo da vida social. Pela primeira vez a joven atendia a um apêlo afetivo, em lugar público, consagrado, no seu modo de entender, ás exteriorizações das criaturas vulgares e sem títulos de maior nobreza moral. O convite de Cirilo fôra um tanto chocante para a sua vaidade feminina; entretanto, obedecendo a indefiníveis anseios do coração, acedera em palestrar com o joven num recanto da via pública, aspirando um entendimento recíproco, longe da multidão maliciosa. Além disso, sentia-se receosa de recebe-lo na propria casa, dado o rigorismo da progenitora, ha muito enferma, e ás ruidosas expansões do pai, desligado de qualquer encargo nas esferas políticas e por isso mesmo sempre cheias de afirmativas chocantes para os costumes franceses.

Mademoiselle Vilamil julgou imprescindível explicar ao joven Davenport suas dificuldades domésticas, antes que o rapaz pudesse agasalhar conjecturas menos dignas a respeito dos pais, a quem amava de todo o coração. Sómente por isso e, incapaz de resistir ao suave magnetismo que sobre ela exercia o moço irlandês, encontrava-se ali sob o céu estrelado ás primeiras horas da noite, trocando confidencias.

Cirilo começou por comentar a beleza das melodias que ela arrancara do cravo, toda sentimento e vibração, e Madalena relatava ao joven, muito admirado, os encantadores costumes da sua terra natal, assinalando as palavras com as interessantes características de quem se não achava absolutamente senhora da lingua francesa.

Tudo, porém, que constituía alguma cousa de sua personalidade, era graça e leveza aos olhos e aos ouvidos do moço Davenport, que se sentia transportado a um plano de felicidade divina, em sua companhia.

Á certa altura do amoroso colóquio, Cirilo exclamou, algo perturbado por trazer á tona a súmula de suas cogitações mais intimas:

— Madalena, ocioso é dizer-te da minha infinita afeição. Saberás entender o sentido de minhas palavras. Nunca me conformei com as atitudes superficiais, nem posso aprovar os desvarios da juventude contemporânea. Digo-o, a fim-de que não vejas laivos de levandade nas minhas palavras. Amo-te muito e estes poucos dias de convivência bastam para que reconheça tua suserania no meu coração, onde occupas lugar insubstituível. Mas, poderei contar com o teu amor para sempre?

Á essa pergunta direta, a joven respondeu extremamente confundida:

— Sim!...

O monossílabo lhe valeu como vibração amorosa que aguardava, e continuou:

— Sempre idealizei uma criatura que me compreendesse inteiramente e agora que nos encontrámos, tenho a esperança de poder edificar um castelo de suprema ventura. Desde a noite em que nos vimos pela primeira vez,

sonho contigo e antevejo as alegrias de um lar povoado de flores e de filhinhos.

Ela, toda ruborizada, elevava-se nas asas do amor, de emoção em emoção, aos páramos do sonho. Aquelas palavras representavam a deliciosa música que os seus ouvidos esperavam de há muito. O moço Davenport era o cavalheiro do seu ideal. Sua voz cariciosa e dominadora penetrava-lhe o íntimo, como perfumado sopro de vida. Queria falar exprimindo seus sentimentos mais nobres; a emoção, contudo, embargava-lhe a voz, enquanto o coração desejava prolongar ao infinito aquele instante divino. Compreendendo-lhe o silêncio, o rapaz recordou as advertências de Suzana, fez um gesto significativo e acentuou:

— No entanto, Madalena, tenho o coração oberado de presságios tristes!... Dizem que o sofrimento é comum aos que se amam; todavia, trago o espírito ansioso por esclarecimentos mais amplos.

— Por que? — Indagou a joven no impulso instintivo de anular qualquer dúvida.

Revelando funda preocupação, ele acrescentou como que medindo a responsabilidade de cada palavra:

— Ninguém disputa comigo o tesouro do teu coração?

— Que dizes? — retrucou a moça com grande surpresa.

— Sinto que tua alma se dirige ao meu coração como fonte cristalina de verdade, — acrescentou Davenport acentuando as palavras — acredito na tua sinceridade e nem seria lícito duvidar dos teus sentimentos; mas, quem sabe, Madalena, teus pais te destinam a outrem que te mereça pela fortuna que não possuo, ou por títulos que também me faltam?

A essa altura, sua voz tornou-se enternecida e comovedora, qual a de uma criança disposta a resignar-se com os obstáculos, não obstante violento desejo.

A joven, por sua vez, como se despertasse de um sonho, começou a chorar convulsivamente. A imagem do primo torturava-lhe agora o pensamento, como se recordasse um verdugo cruel. Lembrava as lutas domésticas, os

enormes débitos do progenitor para com Antero de Oliveira, as combinações de ambos para o futuro matrimonio, com sacrificio dos seus ideais, e não conseguia dissimular a imensa dor que lhe avassalava o coração sensível, ante a possibilidade de perder Cirilo, compelida pelas humanas convenções a renunciar á sua união com o joven em cujo espirito adivinhava a fonte de todas as sublimes compreensões de que sua alma necessitava para ser feliz.

Entregava-se assim a copioso pranto, enquanto o moço irlandês, comovidissimo, tomava-lhe a setínea mão, cobrindo-a de beijos.

— Não chores, Madalena! O amor confia sempre e acredita, acaso, que sou de todo inutil?

Recordando as palavras impiedosas de Suzana, que aquelas lágrimas confirmavam, assumia atitudes decisivas e acrescentava:

— Ninguém poderá impor-te um casamento contra os teus designios. Se me amas, saberei defender-te até os confins do mundo. Não pertencerás a qualquer miseravel truíão, apenas por circunstancias mesquinhas de mil francos a mais, ou a menos. O dinheiro jamais entrará em nossos planos de felicidade!...

A filha de D. Inácio enxugou as lágrimas depois de ouvir-lhe as ponderações consoladoras e afetuosas, e atendendo-lhe aos apelos relatou minuciosamente as dificuldades da família desde os tempos de Granada, assinalando por grandes lutas. Nascera nessa famosa cidade espanhola, onde o pai desempenhava cargos políticos de certa relevancia. Tivera uma infancia risonha, mas desde a fase dos primeiros estudos, vivera quasi que absolutamente reclusa num convento de Avila, onde o progenitor procurava enriquecer-lhe os dotes intellectuais. Nos poucos dias do ano, quando feria no ambiente doméstico, seguia de perto, porém, os sofrimentos da genitora, que recrudesciam de tempos a tempos, em vista das extravagancias paternas. Quando abandonou definitivamente o educandário religioso, seus pais já se encontravam em Madrid, para onde se mudariam com enorme dificuldade. No vórtice de acerbos tormentos morais, sua mãe encontrara unico arrimo em Antero — sobrinho do marido, cria-

do com toda a dedicação e ternura maternas. Seus pais haviam adotado o rapaz, de pequenino, como proprio filho. Antero era um homem de psicologia difficil, em virtude dos sentimentos condenaveis que sabia dissimular com habilidade, mas apresentava dotes apreciaveis aos olhos de sua mãe, de quem se fizera sustentáculo e consolação, em sua ausência nos estudos e nos desvios constantes de seu pai. Permaneciam em Madrid, completamente arruinados, quando o casamento da filha de Filipe IV com Luiz XIV deu ensejo a que o progenitor e o primo se colocassem ótimamente, em funções de natureza politica. Desde 1660, estavam em Paris cheios de esperança numa vida nova. D. Inácio, no entanto, não conseguira permanecer no cargo senão por alguns meses, porque se incompatibilizara com a Corte, em vista da sua critica franca aos atos de Sua Majestade. Leal amigo da infanta espanhola, não conseguia suportar calado as humilhações penosas infligidas á rainha, que se socorria da religião, com santificada paciencia, de modo a tolerar e esquecer os desvarios amorosos do real marido. Ciente dos seus protestos firmes, o soberano demittira-o do cargo e Antero de Oviedo só foi conservado em suas obrigações remuneradas por influencia dos amigos de Maria Tereza, que lhe mantiveram os proventos com alguma difficuldade. Havia quasi dois annos, a familia vivia a expensas do rapaz, não obstante a tristeza que semelhante situação lhe causava.

Seu pai, continuava Madalena de olhos molhados, era um generoso coração, mas alimentava inveterada paixão pelo jôgo. Tal obsessão acarretara o desbarate de todos os bens que possuíam e, após lamentaveis aventuras, nada lhes ficara do passado feliz. A progenitora resistira heroicamente aos reveses da vida, mas, sofria agora do coração, passando os dias na expectativa angustiosa da existência que se extingue, e da morte que se aproxima.

Mademoiselle Vilamil fez longa pausa a-fim-de enxugar as lágrimas abundantes, enquanto Cirilo acariciava-lhe a mão, comovidamente.

Em seguida, evidenciando grande embaraço por ver-se constrangida a versar tão delicado assunto, começou

a falar com maior enleio dos propositos paternos de casar-la com o primo e contou que este, por vezes, já lhe havia falado de amor, ao que se lhe esquivava ella, sempre com enorme repugnancia. Alimentava o desejo ardente de lançar-lhe em rosto a negativa formal, com o desprezo que essa união lhe inspirava, mas continha-se a custo, considerando o reconhecimento da mãe enferma e a situação do pai, que devia ao pretendente alguns milhares de francos.

Nesse interim, o joven Davenport, mal disfarçando o ciúme que o devorava, interpelou-a exclamando:

— Mas teu pai, a quem consagras tão grande veneração, teria coragem de vender a felicidade da filha por um punhado de miseraveis escudos?

— Não creio — disse a moça convictamente, demonstrando a sinceridade de sua confiança filial nos grandes olhos, onde esplendia a candura das suas dezenove primaveras; — meu pai, apesar das estroinices, tem sido o meu maior e melhor amigo.

Cirilo guardou-lhe a destra entre as mãos, com infinito carinho, ansioso por conforta-la. Depois de alguns instantes em que o silêncio de ambos era mais eloquente que as expressões verbais, a joven Vilamil, como se fôsse arrebatada á longinqua impressão do passado, perguntou inesperadamente:

— Cirilo, acreditas nos adivinhos?

— Ora essa! — por que perguntas? — exclamou intrigado.

— É que, ainda em Granada — disse Madalena com muita simplicidade — numa de minhas rápidas visitas ao lar, estava á porta do Alhambra com algumas colegas de estudo, quando fomos atraídas por um ancião que lia o destino dos transeuntes interessados em sua ciência estranha. Atendendo á brincadeira geral, aproximei-me e dei-lhe a mão. Elle pareceu meditar um momento e falou:

— “A menina é bem nascida, mas não é bem fadada.” E depois de fixar-me nos olhos com expressão inesquecivel, não mais sorriu e continuou aconselhando-me: — “Prepara-te, minha filha e une-te á fé em Deus, porque teu cálice, no mundo, transbordará de amargura. Não vive-

mos apenas esta vida. Temos existencias várias e a tua existencia actual é promissora de tempos afanosos, para a redenção". Suas palavras me impressionaram a ponto de me fazerem chorar copiosamente. Senti enorme abalo e foi preciso que as amigas me reconduzissem á casa, onde fui compellido a acamar-me.

— E onde estava D. Inácio que não repeliu o estúpido? — indagou o joven Davenport bruscamente, cortando-lhe a palavra.

— Meu pai ficou furioso e depois de repreender-me, severamente, tomou as providencias devidas, mandando que o feiticiero fôsse levado ao Tribunal da Inquisição, que lhe applicou disciplinas por uma semana e o deteve encarcerado mais de três meses. Mais tarde, o Geral dos Jesuitas cientificou ao papai que se tratava de um peregrino demente, de origem egipcia, que penetrara no reino através do Marrocos.

— E admitiste suas afirmativas? — interrogou Cirilo, evidenciando ansiedade por apagar qualquer resquício de impressão dolorosa no espirito da joven.

— Apesar de muito impressionada — esclareceu Mademoiselle Vilamil — não acreditei nos sombrios vaticínios, mas, não posso deixar de reconhecer que, até hoje, Cirilo, minha vida tem sido tormentoso mar de preocupações infinitas. Tenho a impressão de que atingirei os vinte anos com um pêso sufocante de velhice prematura.

Depois de ligeira pausa, acrescentava:

— Não desejo fraquejar, deixar-me vencer pelos presságios de um peregrino desconhecido. Sinto-me forte na fé em Deus e estou convicta de que o poder celestial me auxiliará nas lutas humanas; entretanto, um detalhe houve, na conversação do velhinho, que nunca poderei esquecer: é o que se refere a outras vidas. O destino está cheio de circumstancias misteriosas. Nossa vida não terá começado no instante de nascermos no mundo. Devemos ter existido em outra parte. Creio que temos amado e odiado, e o esforço em que nos achamos se destina ao trabalho de redenção das nossas culpas. Não me detenho em tais idéias tão só por haver ouvido as advertencias do adivinho errante, mas tenho tido sonhos significativos...

O companheiro que lhe seguia as palavras com indifarsavel mal-estar, apertou-lhe a mão e sentenciou:

— Que é isso, Madalena? Desvairas? Não te quero ver em filosofias abstrusas. Se encontrasse esse feiticiero infame, reforçaria as penas que lhe foram impostas pelos inquisidores.

Ansioso por liberta-la dos pensamentos amargurosos, continuava:

— Casar-nos-emos e encontraremos a ventura sem fim. Ficaremos em Paris ou onde quizeres. Lutarei por ti, tenho braços laboriosos e enérgicos. Futuramente, rir-nos-emos desses temores infantis, provocados por um mendigo irresponsavel. Os egipcios, como os orientais, foram sempre grandes imbecis. Caso seja do teu agrado, fixaremos residencia na Irlanda, junto dos meus. Levar-te-ei, mais tarde, a Londres; excursionaremos até a Escóssia e has de ver que, em toda parte, o amor sincero será a chave de nossa ventura imortal. As almas que se adoram movimentam-se nos caminhos resplandecentes de luz.

A joven que o ouvia dominada pela emoção, pareceu olvidar as idéias transcendentis e profundas, e respondeu enlevada:

— Sim, seremos felizes para sempre. Seguir-te-ei para onde fôres. Anseio por conhecer terras novas, onde possamos sentir a felicidade unida a nós!...

— Terras novas? — perguntou Cirilo revelando-se iluminado por idéia súbita — não será justo pensar em experimentarmos os largos horizontes da América?

— Ah! isso tem sido um longo sonho meu — disse a joven de olhos coruscantes — tenho sede inexplicavel do mundo novo que nos acena á distância. Nossas grandes cidades corrompidas consternam e sufocam! Granada, Avila, Madrid e Paris não diferem bastante umas das outras. Em todas vejo os homens como loucos, disputando realizações que lhes agravam os padecimentos espirituais. Tenho sonhado sempre com as enormes florestas escuras, com os rios caudalosos, com as campinas verdes e sem fim...

— Edificaremos por lá o nosso ninho de amor — rematava o rapaz apaixonadamente.

E falaram longamente da América, como duas crianças ansiosas, permutando compromissos sagrados.

Ao termo da palestra, o moço Davenport, ciente de todas as preocupações íntimas da sua amada, prometeu visitar-lhe os pais na noite seguinte, na casa de Santo Honorato, de maneira a criar o ambiente propício ao culto de suas esperanças em flor.

Depois que Collete e Cecília procuraram a companhia para a volta, Cirilo fixou o olhar no vulto da caruagem até que se confundisse de todo com as sombras espessas. Largo tempo levou ainda a meditar, sentado junto aos nichos externos, escassamente iluminados no bojo silente da noite.

No dia imediato, ao entardecer, tomou o seu carro ligeiro, dirigindo-se á residência dos Vilamil e fazendo o possível por apagar os receios que lhe tumultuavam na alma inquieta. Como se comportaria na hipótese de lá encontrar Antero de Oviedo? Teria força bastante para trata-lo fraternalmente? Como o compreenderiam, por sua vez, os pais de Madalena? Engolfado em vastas cismas íntimas, parou á porta da casa indicada. Tratava-se de antigo edificio, dos que communmente eram alugados a famílias de tratamento, mas de reduzidos recursos financeiros. Extenso gradil, no centro um grande portão pintado de azul, cercava gracioso jardim onde as flores disputavam o beijo da primavera; ao fundo a residência de aspecto antiquado, com as características exteriores da época de Luiz XIII.

Cirilo bateu discretamente, sendo atendido com presteza por um laçao que lhe deu acesso ao interior, onde era aguardado com certa curiosidade.

D. Inácio trajava corretamente, como se fôra convocado a assistir uma cerimonia solene, enquanto a esposa, muito pálida, acomodava-se em espaçosa poltrona de repouso, dando a impressão de que ali se conservava não por impulso espontaneo, mas por inevitavel obrigação da vida em família. Ambos estavam envelhecidos e alquebrados prematuramente; ele talvez por extravagancias de toda a sorte; ela por certo devido aos constantes desgostos. Junto aos dois, na sala que se caracterizava

por linhas monótonas, Madalena com a sua radiosa juventude parecia um raio de claridade afugentando as impressões tristes.

D. Inácio acolheu o rapaz com ruidosas manifestações de simpatia.

— Não terá, nesta casa, as designações devidas aos moços de tratamento, em Paris — disse satisfeito — chama-lo-emos Dom Cirilo, em homenagem á nossa Espanha distante.

— Desse modo ficará mais íntimo — acrescentava D. Margarida Fourcroy de Saint-Megrin e Vilamil com um sorriso. — Desejamos que este lar seja tambem seu.

Enquanto os jovens se alegravam, experimentando a certeza da condescendencia dos velhos generosos, D. Inácio acrescentava:

— E pode estar certo, D. Cirilo, de que sua estrela deve ser muito brilhante, porque minha esposa não acolhe a qualquer, na primeira visita.

Riso geral coroou essas afirmativas, ao mesmo tempo que a palestra descambava para as recordações das pátrias distantes. O joven Davenport falou de suas lembranças da Irlanda e, depois de bordar inumeros comentarios em tôrno das relações entre espanhóis e irlandeses, D. Inácio acentuou:

Nossas afinidades religiosas com a Irlanda sempre foram estimaveis e confortadoras. Aliás, fui eu quem teve a honra de acender a primeira vela enviada pelos devotos do santo arcebispo de Armagh, em Dublin, na fogueira em que foram castigados, em Granada, alguns herejes do Longford, num de nossos maiores autos-de-fé.

Cirilo franziu o cenho como quem se desagradava do assunto, e acrescentou:

— A psicologia da gente irlandesa é muito difficil e complicada.

— Tal como a nossa, na Península — atalhou o velho fidalgo — é impossivel esqueçamos nossas tradições para acompanhar o surto de loucuras e novidades que terminará projetando os povos no abismo. Não podemos confundir liberdade com licenciosidade e seria falta grave aplaudir essa onda de tolerancia criminosa que varre

atualmente o mundo. Temos de ser exóticos em qualquer parte da Terra. Será lícito estabelecer a desordem e dizer que se progride? Então, a Espanha toleraria o chamado Édito de Nantes? Nunca! Julgo que a fogueira deve cercar os herejes e os apóstatas onde quer que estejam. Pelo menos, isso constituiria elevada instrução de nossos santos padres. Se o traidor da pátria deve ser condenado, muito mais criminoso é o traidor da fé.

O rapaz esboçou um gesto de leve desacôrdo, obtemperando delicadamente:

— De acôrdo, no que se refere á politica. A administração desordenada é sintoma de desagregação e ruína. O mesmo, porem, não ocorre quanto a crenças. Considere que, em matéria de manifestações religiosas, outras seriam as circunstancias se todos entendessemos o valor do perdão.

— O senhor é muito moço — replicou D. Inácio, sereno — só mais tarde poderá compreender que o perdão dissolve a família.

O joven fez menção de espanto e respondeu instintivamente:

— Mas Jesus perdoou sempre, D. Inácio.

O velho fidalgo, entretanto, como quem se habituara a interpretar os textos evangélicos, pro domo sua, esclareceu sem qualquer preocupação de espírito:

— Esse problema foi estudado por mim, junto ao Inquisidor-Mór de Granada. Depois de algum tempo chegámos á conclusão de que se o Cristo suportou os algózes, mandou também que o homem orasse e vigiasse, incessantemente. E o senhor já observou alguém vigiando sem armas? Em que lugar do mundo a sentinela pode abraçar o inimigo?

Cirilo não estava acostumado a discussão religiosas e, ouvindo tal argumento, silenciou com profunda estranheza, ao passo que o interlocutor observando a desaprovção que lhe transparecia dos olhos, tratou de mudar de assunto acrescentando:

— Não poderíamos nunca aplaudir uma Córte desordenada e indiferente, como a de França.

Neste ponto da conversação, D. Margarida conside-

rando que as expansões do marido poderiam melindrar o rapaz, advertiu calmamente:

— Ora, Inácio, não generalize. Suponho que, na tua idade, qualquer pessoa deve examinar acontecimentos e fatos sem a paixão que sói envenenar as melhores fontes do caminho. Por que acusar a Córte, quando a culpa não pode cair indistintamente? Todos os governos são ótimos, quando somos jovens.

O velho fidalgo empertigou-se, cofiou os bigodes, fitou a esposa sobranceiramente, e sentenciou:

— A senhora acha, então, que falo por ouvir dizer? Ha três anos, com a mesma velhice de hoje, assisti a assinatura do nosso tratado com a França, na Ilha dos Faiões, acompanhando D. Luis de Haro e não sentia qualquer desalento. Aos meus olhos, as águas do Bidassoa estavam belas como nunca. Mas não posso repetir semelhantes emoções nesta terra de polifrontes.

— Consideras, então, que os franceses devem pagar pelo teu abatimento de agora? — perguntou a nobre senhora serenamente. — Ha tanta gente sem juízo em Paris, como em qualquer grande cidade espanhola. Alem do mais, cada região tem seus costumes proprios e, naturalmente, um francês não se sentiria tão bem se fôsse compelido a viver sob o ritmo das tradições espanholas.

— Ah! sim — replicou D. Inácio sem conseguir disfarçar a irritação — para os franceses todos os descálabros podem ficar bem; mas eu sou um homem antigo e é preciso não esquecer que minha família descende de parentes colaterais da rainha católica.

E depois de um gesto significativo, rematava orgulhoso:

— Minha filha e eu não fomos nascidos nas margens do Garona, nem tão pouco ao pé das águas sujas do Sena.

Nesse instante, contudo, antes que Cirilo pudesse interferir com alguma observação afetuosa e conciliadora, ouviu-se o ruido de um carro que parecia trazido por cavalos resfolegantes.

D. Margarida, como se já estivesse alheada do pequeno atrito doméstico, fez um sinal á filha, revelando maternal preocupação e falou:

— Madalena, previne lá dentro. Antero deve estar regressando de Versailles.

Enquanto a joven se dirigia para a sala da copa, o moço Davenport prestou atenção, a-fim-de observar o recém-vindo, cujas passadas fortes se faziam ouvir quasi junto a porta da entrada.

Ia, finalmente, conhecer o rival. A presença do sobrinho de D. Inácio, em plena sala, não lhe deu oportunidade a mais vastas considerações íntimas.

Antero exhibia dotes singulares de beleza física, nos seus trinta anos bem formados. Alto, elegante, cabelos negros e ondulados, tez levemente amorenada, peninsular, olhos argutos e indefiníveis, deixava transparecer nas maneiras polidas um "que" de intencional. Dir-se-ia que suas atitudes delicadas não eram sinceras, mas oriundas do profundo artificialismo de quem não se deixa conhecer tal qual é. Apresentado ao rapaz irlandês, cumprimentou-o cordialmente, embora seus olhos parecessem interrogar a razão de sua presença ali, e depois de se encaminhar para o interior, enquanto a palestra prosseguia suavemente, regressou á sala, onde prestou singular atenção nos olhares significativos trocados entre a prima e o visitante inesperado, compreendendo que o seu campo afetivo fôra invadido por influencias estranhas. Embora não manifestasse o mal-estar que, aos poucos, se lhe apossava do espírito, de quando em vez dirigia o olhar indagador para a tia e mãe adotiva, como a interrogar sobre as pretensões desconhecidas do intruso.

A uma pergunta direta do velho fidalgo, quanto á marcha dos trabalhos que lhe competiam, respondeu cor-tezmente:

— Todas as obrigações obedecem ao ritmo normal e o senhor pode crer que, em breves dias Versailles reunirá toda a Côte e será o centro da vida política da nação francesa.

— E o rei? — perguntou D. Inácio exprimindo certa inquietação nos olhos — expediu a ordem de pagamento da minha disponibilidade?

— Por enquanto, não — esclareceu o interpelado. — Ainda hoje, porém, pude avistar-me com Sua Majestade

quando procurei o Sr. Colbert, trazendo-lhe hoje a boa notícia de que o soberano pede o seu comparecimento em palácio.

— Para que? — rosnou o nobre espanhol quasi có-lérico — amanhã, farás o favor de dizer ao rei dos franceses que, se me chama para me despojar de algum bem, os seus ministros já me usurparam as dignidades; se pretende conferir-me honras, agradeço-as; e se me oferece algum favor, não necessito de suas esmolas.

Após uma pausa que ninguém ousava interromper, rematava com esta afirmativa:

— E se Sua Majestade manda buscar-me visando fins mais ásperos, podes afirmar-lhe que não será necessaria a minha presença em palácio, para que me mande ao pelourinho. Bastará uma ordem...

Madalena, muito acanhada, observava Cirilo, que acompanhava o diálogo do tio e do sobrinho com alguma estranheza.

Esperava-se que D. Margarida viesse á discussão com interferencia conciliatoria, mas foi Antero que desfez o silêncio, ponderando com calma:

— No entanto, meu tio, é possível que as cousas sejam conciliadas em seu favor. Como sabemos, o Sr. Fouquet já não permanece á testa dos negocios públicos.

— E achas porventura que o soberano é melhor do que o ex-ministro? Um remendado não poderá condenar um andrajoso. Fouquet não se retirou do cargo pela sua prodigalidade nas despesas. A causa de tudo, no capítulo da sua demissão, foi o escandalo dos ciúmes por Made-moiselle La Vallière.

Antero ia exprimir um gesto de desacôrdo, mas o fidalgo continuou:

— Não permito que me contradigas. Acaso, não estás farto de saber que aqui, em França, são as mulheres que fazem os ministros?

D. Margarida, desejosa de imprimir novo rumo á conversação, a-fim-de que o esposo não incidisse nos comentários apaixonados, aventurou:

— Suponho, Inácio, que deves ir. Ainda que não conseguisses um acôrdo para o recebimento do que te é de-

vido, essa visita dar-te-á ensejo a qualquer combinação com a rainha.

— Eu? — bradou ele com energia — que me poderia dar a desventurada infanta, necessitada de quasi tudo em seu ambiente doméstico? Poderei procurar a filha do meu soberano para chorar as desditas, mas nunca alimentando o proposito de pedir qualquer cousa.

— Em todo o caso, seria util alguma tentativa — exclamou Cirilo Davenport timidamente, receoso de ser tomado como indesejavel nas combinações familiares.

D. Inácio Vilamil, porém, carregou mais expressivamente o semblante e sentenciou:

— Mas eu sou um homem da velha ténpera.

O rapaz, compreendendo-lhe a resistência inquebrantavel, baixou os olhos e calou-se.

A palestra chegou ao fim, com as expressões conciliatórias de todos, ante a intransigência do velho fidalgo. Nenhum argumento lhe modificou a attitude.

Nas despedidas, notando a ternura dos olhares e gestos da prima e do joven Cirilo, Antero sentiu que mortal ciúme lhe envenenava para sempre o coração.

Duas semanas passaram, repetindo-se diáriamente a visita de Davenport, as idéias intransigentes de D. Inácio e a perplexidade do sobrinho dos Vilamil, que vinha de Versailles a Paris, de três em três dias.

O par venturoso continuou tecendo, carinhosamente, os fios dourados de seus sonhos de felicidade, enquanto Antero dissimulava habilmente o profundo rancor que lhe dilacerava o espirito. Apesar da mágua odiosa, tratava Cirilo com maneiras cativantes. No íntimo, detestava o rival, que lhe triturava devagarinho as esperanças; no entanto, buscava conquistar-lhe a confiança, intencionalmente, maquinando projetos sutis e terríveis de vingança, a seu tempo. O proprio Cirilo estava surpreso. A amizade que Antero de Oviedo lhe demonstrava era mais um obstáculo transposto. A certeza de que o companheiro da infancia de Madalena lhe comprehendera os propósitos sinceros, constituia fonte de tranquillidade para o seu coração. Andava, por isso mesmo, plenamente satisfeito. Respirava os ares de Paris a longos haustos. O

serviço diuturno fizera-se-lhe leve e doce, o novo estado de espirito descortinava-lhe profundos horizontes no entendimento justo da vida. Aguardava a noite, ansiosamente, e, quando em companhia da joven amada renovavam, os dois, os votos afetuozos, os juramentos sublimes, as promessas de eterno amor.

Surgiu a ocasião em que Madalena se preocupou com a attitude da família Davenport e insistiu para que o rapaz communicasse aos parentes de Belfast o projeto de casamento. Cirilo prometeu escrever, mas alegou que, antes mesmo da consulta aos pais, procuraria ouvir o tio Jacques, em Blois, que lhe consagrava paternal afeição desde os primeiros dias da sua vida. Mademoiselle Vilamil demonstrava cuidados justos e contudo, no espirito de resolução que lhe era característico, Cirilo considerava semelhante zêlo de somenos importância, pois ao seu ver, casar-se-ia ainda que não obtivesse para isso a aprovação da família. Todavia, dada a insistencia da joven nas conversações confidenciais, Davenport dirigiu-se, certo dia, a Blois com o fim de aconselhar-se com o tio, antes de assumir o compromisso desejado.

Durante toda a viagem, Cirilo entregou-se a singulares devaneios. Suzana, havia muitos dias, voltara de Paris para o ninho doméstico e o rapaz lembrava o seu olhar inesquecível, quando se despediram. Sua expressão traduzia um misto de frieza e dor, de ressentimento e crueldade. Por que? Ignorava a violencia das suas intenções, procurava, em vão, atinar com a causa da sua tristeza. Debalde procurava aproxima-la de Madalena, convidando-a a segui-lo em alguma de suas habituais visitas ao bairro de Santo Honorato. A prima recusara sempre, em termos ásperos que lhe feriam o coração. Além disso, emagrecera, tornara-se irascível. Nunca mais se aproximou da sua eleita, nem mesmo para as corteziás comuns. Em suas cogitações íntimas ponderou mais seriamente aquele procedimento da prima. Certo, ela dera ouvidos, na infancia, a possiveis projetos familiares, de casar-se com êle.

Relacionou, em suas reminiscencias, os pequeninos detalhes dos planos paternos e compadeceu-se da compa-

nheira de infância. Contudo, em breves instantes, buscou desvencilhar-se de semelhantes impressões. A-final-de-contas, refletia, as inclinações da prima não passariam, por certo, de anseios transitórios da mocidade. Ela encontraria afetos novos. Era senhora de vultoso dote, não lhe seria difícil encontrar um partido rico, que lhe pudesse satisfazer os caprichos de moça. Se possível, falar-lhe-ia pessoalmente, assegurando-lhe o penhor da sua amizade constante.

Buscando desfazer-se das preocupações que não coadunavam com os seus propositos do momento, Cirilo penetrou nas ruas da velha cidade, ansioso agora por atirar-se nos braços do fiel amigo e confiar-lhe as mais íntimas esperanças.

O professor Jaques Duchesne Davenport residia em antigo parque, que adquirira para a localização da sua escola, de proporções vastas, destinada á preparação de crianças de ambos os sexos, antes do acesso aos monastérios do tempo, consagrados ao serviço educativo. Viuvo já de alguns anos, o generoso amigo da infância, com a cooperação de dois professores dedicados, ali vivia entre os meninos de Blois como se estivesse esquecido das cogitações mais fortes do mundo. Não era propriamente um velho, na expressão justa do termo; entretanto, os fios grisalhos destacavam-se na cabeleira e as rugas povoavam-lhe o rosto, embora estivesse tão somente próximo dos sessenta anos. Muito raramente dispensava a bengala, que lhe completava a feição de patriarca, junto dos petizes e as crianças adoravam-no como a um pai. Não obstante as profundas experiências da vida, que suas atitudes demonstravam, seus olhos eram vivazes e amorosos, dando a impressão de que no peito palpitava um coração de grande criança, afetuosa e compreendedora.

As famílias de Blois encontravam nele um arrimo forte, para solução de todos os problemas relativos á infância. "Mestre" Jaques era um ponto de referencia de magna importancia, entre todas as classes sociais. Os brasonados amavam-no pelo seu nobre entendimento das cousas práticas, e os desfavorecidos da fortuna encontravam no seu carinho fraternal a proteção prestigiosa

de um benfeitor. Os padres católicos estimavam-lhe as preciosas qualidades de cooperação e os protestantes admiravam-lhe o respeito ás crenças e opiniões alheias. E no seu pequeno mundo de amigos leais e crianças amadas, Jaques Duchesne Davenport sentia-se confortado e quasi feliz.

Anoitecia quando Cirilo bateu num largo portão cercado de trepadeiras e madresilvas. As arvores vetustas e acolhedoras do grande jardim faziam da paisagem um trecho de paraíso, pela sua paz ao sussurro do vento leve. A casa, muito antiga, dava idéia de vasta mansão de repouso, no seio da tarde amiga.

Suzana veio atender, préstemente, e não pôde disfarçar a surpresa com a chegada do primo, sem aviso prévio. Entretanto, longe de perder sua feição voluntariosa, cumprimentou-o quasi friamente, conduzindo-o ao interior e abstendo-se das expansões afetivas com que o recebia de outras vezes.

O mesmo não aconteceu, porém, lá dentro, onde Jaques abraçou o sobrinho, transbordante de alegria. O velho educador quasi carregou Cirilo nos braços, como se recebesse a mais adorada de suas crianças no caminho da vida.

— Como te demoraste, meu filho! Ha muitos dias, procuro-te, de balde, entre todos os cavaleiros que passam por Blois.

Cirilo sensibilizava-se fundamente com tais expressões de carinho.

Em doce aconchego familiar, jantaram juntos.

Depois de trocadas as primeiras impressões e quando a noite amortalhara a paisagem, de manso, o generoso educador notando que Suzana e Carolina se afastavam deliberadamente, chamou o sobrinho ao gabinete particular e exclamou batendo-lhe carinhosamente no ombro:

— Vamos Cirilo, acendamos o velho candelabro. Teus olhos me indicam que tens alguma cousa importante a dizer.

O rapaz acompanhou-o enternecidamente e respondeu hesitante:

— É verdade, meu tio...

Sentados em poltronas confortáveis, junto de ampla janela que lhes descortinava o céu pontilhado de estrelas, foi Jaques que iniciou a palestra dizendo ao rapaz das novas impressões que nutria a seu respeito.

Atendendo a uma interrogação direta, o moço esclareceu:

— Sim, encontrei uma joven que resume as minhas esperanças.

— Conheço-a? — interpelou afetuoso.

— É Madalena Vilamil.

— Ah! muito bem! Ainda nisso as nossas afinidades se manifestam e as tuas inclinações me alegram a alma. Conheci-a quando de sua visita ao antigo palácio de Luiz XII, e isso bastou para que a estimasse infinitamente. Como tudo isto é interessante, meu filho! Não mais me esqueci dessa joven, tanto que, quando Carolina e Suzana vão a Paris, recomendo-lhes que não regressem sem notícias dela.

— Essa circunstancia constitúe enorme alegria para mim — disse o rapaz assaz comovido.

— Não podias fazer melhor escolha — concluiu Jaques, convicto. — Quando pretendem casar-se? Não seria justo adiar tão feliz evento. Além disso, quando amamos, é natural que o coração seja atendido.

Amparado por semelhante compreensão, Cirilo Davenport não conseguiria definir o júbilo que lhe inundou a alma.

— Seu parecer, meu tio, nobilita os meus propósitos e, entretanto, estou francamente indeciso, quanto á data dos esponsais, visto não ter ainda comunicado a meus pais os meus designios.

— E pretendes ir a Belfast, com esse fim?

— Se fôsse possível...

Jaques meditou alguns instantes e, como pessoa habilitada a aconselhar com perfeito conhecimento de causa, voltou a dizer:

— Não vás a Irlanda antes do casamento.

— Por que? — indagou Cirilo um tanto surpreso.

— Não estou fazendo apologia da desobediencia ou da anarquia familiar, mas recorro o meu casamento e

não posso deixar-te ao desamparo. Em nossa ilha costuma-se colocar o interesse acima das inclinações naturais. Quando conheci Felícia — a santa companheira que me aguarda no céu — nossos parentes moveram-me guerra permanente e foi-me indispensavel um ato de fôrça, para desposa-la. Se fôres a Belfast, começarão a malsinar tua escolha e cada amigo envenenará teu espírito com superstições descabidas. Serás flexado de tantos apelos estranhos, entre missas e promessas, que talvez fiques por lá, carregando para sempre um sonho morto. Samuel permanece distante de nossa compreensão da vida. Tua mãe é sensível e generosa, mas está presa aos excessos devocionais. Teus irmãos são afetuosos, mas são espíritos muito irriquiotos. Talvez a isso devam a difficil situação em que se encontram.

— Como proceder, então?

— Escreverei a teu pai dizendo que, de ha muito me incumbiste de pleitear a devida permissão, mas, devido a trabalhos imperiosos, protelei o assunto, obrigando-o a assumir comigo o compromisso de anuir a teus desejos e explicando que a futura nora é minha filha de coração. Samuel, naturalmente, ficará preocupado, a princípio, mas cederá satisfeito, estou certo. Quanto a adesão de tua mãe, sabemos, por antecipação, que estará de acôrdo conosco, em todos os sentidos.

Cirilo estava tão contente que não sabia como agradecer.

— E não te detenhas em conjecturas inuteis — continuou o generoso educador, — Madalena é digna de teus carinhos e ambos serão meus filhos, com a obrigação de povoar de netos a minha estrada, para que não me falte um raio de luz na noite da decrepitude, que todos os homens devem esperar.

No gabinete que se atulhava de cadernos e livros esparsos, havia uma atmosfera de felicidade indefinível. Ondas de perfume do jardim proximo penetravam pela janela aberta, como se a natureza incensasse o entendimento afetuoso de duas almas afinadas no mesmo idealismo.

Observando que o sobrinho prosseguia calado, Jaques interrogou:

— Sentes alguma dificuldade para executar meus conselhos?

— Reconheço, meu tio, que os meus ordenados mensais são exigüos — explicou o joven algo tímido.

— Não digas isso. Os melhores tempos da minha vida conjugal foram justamente quando Felícia e eu lutávamos contra todos os obstáculos para assegurar nossa felicidade. Minha família, na Irlanda, contrariava os nossos sonhos, enquanto os parentes de Blois hostilizavam as minhas pretensões. Casámo-nos sem apoio de ninguém. Meu salario, como professor, era irrisório, mas as barreiras aparentemente intransponíveis pareciam valorizar nossa união. Com as lutas intensas de cada dia, as horas de convivencia doméstica tornavam-se mais preciosas. No entanto, meu filho, quando Felícia me compeliu a vir para este país, onde nos esperava a valiosa herança deixada por sua mãe, o júbilo perfeito pareceu fugir do alcance de nossas mãos. A vida de Blois tornou-se muito diferente da de Belfast. Na Irlanda possuíamos um ninho; na França encontramos uma casa. No ninho, vivíamos de amor e paz; na casa, a existencia obedeceu ás imposições dos cuidados numerosos pelas muitas convenções sociais. Não quero dizer com isso que as casas sejam organizações dispensáveis e sim que devem ser ninhos simples e acolhedores, onde cada membro da família experimente a tranquillidade justa. Minha pobre Felícia, porém, não soube resistir ao peso do bem-estar e fomos, finalmente, menos felizes, desde que as posses de Blois nos compeliaram a numerosos esforços de manutenção e defesa. Minhas filhas, habituadas de início á simplicidade, cresceram entre exigencias de toda a sorte. Suzana é um coração inquieto, insatisfeito, resistindo sempre aos meus paternos conselhos e Carolina, contra as minhas tendencias, vai casar-se por simples questão de dinheiro com o Sr. de Nemours. Mas, que fazer? Minha inolvidavel companheira acreditou mais na sociedade humana que nas leis simples da vida, e a sua ansiedade segregou as pequenas do nosso antigo ideal.

Jaques Davenport pareceu meditar um minuto, deixando perceber que voltava, em espírito, aos tempos da sua mocidade distante. Depois de prolongado silêncio, como que despertando de profunda divagação, interrogou:

— Compreendeste?

— Sim, meu tio, e agradeço a preciosidade dos seus ensinamentos; no entanto, ha considerar que Madalena descende de fidalgos, enquanto que eu sou muito pobre.

— Pobre? — tornou o educador, sorridente e otimista — convem manter acima da classificação comum, de pobres e ricos, a táboa de valores reais, que define os homens como trabalhadores ou ociosos. Ha indigentes no seio de tesouros inapreciáveis e pessoas ha de reduzidos recursos financeiros, singularmente ricas de esperanças e de ideal. Por isso, meu filho, o perigo está em que o homem seja ocioso. Quem trabalha deve esperar sempre o melhor; mas quem perde o tempo, alcançará miséria.

Os ensinamentos do bondoso velho caíam na alma do rapaz como um bálsamo.

Atendendo no efeito benéfico dos seus conceitos, Jaques continuou:

— O trabalhador possui o tesouro da paz de cada dia, o ocioso encontra em cada noite o padecimento da insatisfação; um vive na claridade da esperança, outro na ambição da tormenta. Uma casa sem laçaios é um refúgio de repouso espiritual, nestes tempos de devassidão. Muitas vezes, o homem que dispõe de muitos servos paga-lhes por supostos serviços, mas o que recebe, em verdade, é calúnia e ingratidão.

Cirilo, radiante ao ouvir tão sabios conceitos, exclamou:

— Suas palavras, meu tio, confortam-me profundamente. Sendo assim...

— Declaremos guerra ás reticencias — atalhou ele bondosamente — já que não és ocioso, podes casar quando bem quizeres.

E como se fizesse uma conta mental, após pequena pausa, acentuou:

— Os esponsais de Carolina estão marcados para novembro próximo. Debalde tentei induzi-la a fixa-los

para o Natal. Dêsse modo, Cirilo, designaremos tuas núpcias para o futuro 25 de dezembro.

— Tão perto? — perguntou o moço assaz admirado. — Isso é quasi impossível, pois nem mesmo solicitei aos pais de Madalena o necessário consentimento.

— Estou convencido que hão de ceder para felicidade da filha.

— Mas, as providências indispensáveis?

— Serão atendidas — murmurou o tio com significativo contentamento. — Guardo-te dois mil escudos, a título de cooperação afetuosa no teu sonho de amor.

O joven Davenport estava repleto de júbilo, mas, depois de pensar alguns momentos, advertiu:

— Meu tio, tanta generosidade é demais. Contento-me com o seu apoio moral, porque, relativamente ao auxílio material, minhas primas seriam capazes de opôr alguma objeção.

— Não dês guarida a tais desconfianças. Deus me livre de contender com a família por questões de dinheiro. Quando Felícia morreu, renunciei espontaneamente a todos os direitos que me competiam, em favor das filhas, que dividiram entre si a legítima materna. Apenas desejei ficar com a minha liberdade e com a minha escola. A contribuição, portanto, é de meu proprio pecúlio e não temos nenhuma satisfação que dar a Suzana ou Carolina.

O joven não cabia em si de contente. A oferta preciosa vinha solucionar o melindroso problema economico que o perturbava. Não queria casar-se sem uma base de recursos a cultivar. Supinamente reconhecido, tomou a destra do tio, apertou-a com carinho e exclamou:

— Não sei como traduzir minha gratidão.

— Ora essa! nem eu desejo que te perturbes por manifestar reconhecimento. Acreditas, acaso, que o dinheiro seja definitiva propriedade nossa? Todo o cabedal financeiro é de Deus, que o distribue consoante as necessidades de cada um, por intermédio dos proprios homens.

A palestra afetuosa entrou pela noite dentro, até que um velho relógio bateu as onze horas. Jaques lembrou que necessitava da sua beberagem habitual para o

antômago, e o sobrinho se despediu agradecido e venturoso.

— Meu tio, dormirei hoje um dos sonos mais tranquilos de minha vida.

— E deve-lo-ás só a Deus — exclamou o generoso amigo, afastando-se ao toc toc da benagala, como a dispensar o rapaz de novos agradecimentos.

Enquanto Cirilo se recolhia, ditoso, ao quarto de dormir, Jaques foi abordado por Suzana em copioso pranto, quando buscava o remédio da noite no velho armário da côpa.

— Ouvi tudo, meu pai! — exclamou debulhada em lágrimas, evidenciando fundo rancor.

— Mas, de que se trata? Ouviste o quê?

— Suas combinações com Cirilo.

— E por que não fôste participar da nossa conversação no gabinete? — indagou o progenitor muito admirado. — Tratavamos, porventura, de assuntos secretos que justificassem a curiosidade de alguém atrás das portas?

A moça não respondeu, limitando-se a soluçar convulsivamente.

— Mas, que significa tudo isso, minha filha? — obtemperou o generoso velho abraçando-a.

— Meu pai, amo Cirilo e não me conformo com a sua decisão.

Jaques Davenport inclinou-se para a joven profundamente preocupado. Agora chegava a compreender suas amarguras secretas, suas inquietações aparentemente injustificáveis, dos ultimos dias. Sentou-se pausadamente, contendo a custo a propria aflicção e fê-la aquietar-se a seu lado, murmurando depois:

— Filhinha, tem calma e fortaleza, porque este é um desejo que teu velho pai não pode satisfazer.

E o amoroso Jaques, com o seu espirito eminentemente conciliador, fez-lhe ver a necessidade de retificar as inclinações afetuosas, falando longamente da delicadeza da situação, salientando a escolha do sobrinho e os méritos inegáveis de Madalena Vilamil.

Desenganada em seus dissabores cruéis, Suzana reprimia com dificuldade as expressões de ironia e ciume

que lhe explodiam no coração. Diante do generoso pai, a cujo espírito se sentia ligada por irresistível magnetismo, não fazia mais que chorar comovedoramente, ansiosa por desabafar o misto de cólera e angústia que lhe empolgava a alma caprichosa.

O progenitor carinhoso, reconhecendo que a filha lhe ponderava as palavras em silêncio, prosseguiu nos conselhos:

— Não desesperes. O coração tem mil caminhos para a felicidade, quando procuramos aceitar a vontade de Deus. E por tudo o que temos de sagrado, não demonstres rancor á escolhida de teu primo. Precisas compreender que a resolução de Cirilo é respeitável, e que Madalena é também minha filha pelos laços divinos do espírito. Naturalmente que em seu noivado estarão nesta casa, quando se verificarem as solenidades do próximo consórcio de tua irmã, e eu espero, Suzana, que a educação recebida no lar te confira comedimento ás atitudes. Ha ocasiões em que precisamos esmagar os sentimentos cultivados com excessivo carinho, na precipitação das expectativas injustas.

A joven desejava apresentar furiosas objeções, desacatar o pai muito amigo, pela primeira vez; continhasse, todavia, com esforço imenso, mordendo os lábios em fúria e dando a impressão de que soluçava de dor infinita, sem qualquer outro sentimento menos digno. Sinceramente condoido daquelas lágrimas, Jaques considerou:

— Avalio tua máguia e contudo seria falta grave aplaudir-te. Procura afagar outros sonhos, renova os pensamentos. Acredito que tuas inclinações não podem obedecer senão a caprichos procedentes da infancia.

— Meu pai, não mais poderei ser feliz — disse no auge da desesperação.

— Só os criminosos podem assim falar — acrescentou o progenitor sempre melifluo.

— Não tenho forças para assistir as núpcias de Cirilo — continuava Suzana enxutando as lágrimas.

O velho professor contemplou-a compungidamente e redarguiu depois de um minuto de meditação:

— Fortalece tua vontade enfraquecida. Após o casa-

mento de Carolina poderás espairer na Irlanda por alguns meses. Retemperarás as energias na paisagem da tua infancia e acredito que a providencia ser-te-á imensamente benéfica ao coração. A época será impropria para a viagem, mas eu permito que satisfaças semelhante desejo. Encontraremos embarcação e companhia adequada. Por hoje, minha filha, recolhe-te á paz da noite e não chores mais. Tua desesperação não é justa e debes rogar a Deus te conceda a cura da enfermidade espiritual que te atormenta a alma inquieta.

Suzana quis revidar ássperamente, declarar que semelhantes afirmativas a humilhavam em excesso, mas dissimulou a cólera, calou-se e obedeceu em silencio.

Quando a viu retirar-se, o pai carinhoso levou uma das mãos ao peito, tentando aliviar o sofrimento íntimo, em face da angustiosa revelação da filha; e demandou a alcova silenciosa, sem conseguir explicar-se o triste sentimento que lhe travava o coração.

No dia seguinte Cirilo regressou a Paris, transbordando esperanças. Se o tio bem lhe orientara o espírito quanto ao que lhe competia fazer, ele melhor executou seus conselhos. Depois de dividir com Madalena o júbilo que o empolgava, dirigiu cerimoniosa carta a D. Inácio Vilamil e espôsa, expondo as suas pretensões.

A nova produziu grande sensação na vivenda de Santo Honorato. Os pais de Madalena não esperavam semelhante surpresa. Cuidadosamente, sondaram o espírito da filha, verificando-lhe a aquiescencia e a resolução, no cometimento que condizia com a sua felicidade futura. Entretanto, havia alguma cousa a considerar e que representava amargo aborrecimento para os velhos fidalgos. Era o implicito compromisso familiar com Antero de Oliveira. D. Margarida e D. Inácio sentiam, sinceramente, o fato de serem compelidos a apresentar ao sobrinho uma negativa inesperada e demolidora de todos os seus sonhos de rapaz. Ambos, o consideravam qual outro filho adotivo. No entanto, não seria possível contrariar as inclinações de Madalena, que nunca lhes causara o menor pesar. Altamente preocupados, os generosos velhos esperaram a primeira oportunidade para conversarem a sós

com o sobrinho, o que se verificou dois dias após o recebimento da carta de Cirilo. Madalena ausentara-se e essa circunstância dava ensejo a entendimentos desejáveis e justos.

D. Inácio, nessa noite, tratou o rapaz com maior compreensão, não sabendo como abordar o assunto. D. Margarida, muito carinhosa, observando que o marido titubeava e vacilava, fixou os olhos serenos no sobrinho e falou:

— Meu filho, hoje temos uma notícia a dar-te: — Madalena foi pedida em casamento por D. Cirilo Davenport.

Antero fez-se pálido e respondeu rudemente:

— Causa estranhável, na verdade, porque espero minha prima desde a infância.

— No entanto — continuou D. Margarida com voz pausada — Madalena está de acordo e não podemos nem devemos contrariá-la.

Antero levantou-se, passeou nervosamente pela sala e observou exaltado:

— É uma ingratidão! Onde está meu tio que não lhe faz sentir a sua autoridade, capaz de varrer do seu caminho esse irlandês audacioso, sem títulos e sem vintem?

Nominalmente citado, D. Inácio respondeu:

— Madalena nunca me deu o mais leve aborrecimento e a autoridade apenas se exerce com aqueles que a desrespeitam.

— Esse casamento, porém, é um absurdo — exclamou Antero fora de si.

— Quem poderá decifrar os mistérios do coração, meu filho? — atalhou D. Margarida afetuosamente.

E a discussão acendeu-se. A custo o rapaz sentou-se ao lado da velha tia, atendendo-lhe aos apelos carinhosos. Mas tanto manifestou seus pensamentos de inconformação e de ironia, que D. Inácio foi dominado por violenta irritação. Ouvindo certas palavras mais ásperas do tio, o rapaz retrucou com acrimônia:

— Não posso conferir tamanho direito às suas opiniões. A-final-de contas, o senhor tem débitos bem pesa-

dos para comigo, antes de considerar qualquer privilégio ao irlandês miserável que me anula as esperanças.

D. Inácio Vilamil esboçou um gesto de justa indignação e revidou:

— Sei que te devo dinheiro, mas não desconheces que nos deves os cuidados da educação. Supões, acaso, que te criaste em nossa casa a poder de brisas e votos brilhantes? Se reclamas aquilo que te devo em escudos, como te poderia pagar com as cousas privativas do coração?

O rapaz recebeu a reprimenda ríspida, mal se contentando para não agredir o velho tutor, que lhe falava e gesticulava grandemente irritado.

A boa senhora, todavia, interveiu amorosa e como o sobrinho chorasse de raiva, tomou-lhe as mãos com muito carinho e procurou consolá-lo:

— Não te encolerizes, Antero! És nosso filho pelo coração, antes de tudo! Considera, pois, que Madalena é tua irmã. Poderias estima-la, tão somente a título de esposa? Recorda que não podemos dispensar tua afetuosa companhia... Quem nos ha confortado o coração, em tempos tão duros de provação e de esperanças desfeitas? Não guardes rancor, modifica os sentimentos a respeito de tua irmã. Ha-de surgir, por certo, em teu caminho, um matrimónio feliz. És moço, ativo, trabalhador. Não te faltará uma noiva carinhosa, que encha o teu caminho de luzes novas. Tudo será uma questão de tempo e boa vontade...

O rapaz, apesar da paixão doentia que lhe enchia o cérebro de odiosas preocupações, amava singularmente a velha tia — a única alma que lhe havia proporcionado na orfandade carinhos e afagos maternos. Ouvindo-a, desabafou. Não podia saber se chorava de amargura ou de despeito, mas, fôsse como fôsse, aquele pranto convulsivo aliviava-lhe o coração.

D. Inácio lançou ao sobrinho um olhar de ironia e, depois de um gesto de enfado, abandonou a sala enquanto D. Margarida continuava, olhos também marejados de pranto:

— Desanuvia o espírito, meu filho! Insisto para que

continúes junto de nós. Pediremos a D. Cirilo resida nesta casa, após o consórcio e quando te resolves a organizar tua casa, permanecerás, igualmente, em nossa companhia, até que me feches os olhos para sempre. Se Deus me der vida, Antero, consagrarei minha velhice aos teus filhinhos, que serão meus netos pelo coração. Acostumate, pois, a encarar Madalena de outro modo. Não odeies D. Cirilo, a quem seus sonhos de moça elegeram noivo amado, neste mundo. Não será melhor que se unam e vivam junto de mim, como irmãos carinhosos e dedicados? Além do mais, é indispensável consideres, em tudo, a execução dos designios santos de Deus. Naturalmente que a tua felicidade não será esquecida pelo céu. Rogarei ao Altíssimo te conceda uma esposa devotada e afetuosa, a-fim-de que, mais tarde, possa eu acariciar os teus filhinhos, em cada dia.

Ante aquelas manifestações carinhosas, Antero pareceu lavar o coração, expulsando para longe do espírito as maguas mais fortes; contudo, no recesso do ser guardava rancor indefinível e profundo, que lhe arruinaria a existência. Sentia-se sem forças para alijar a figura da prima do quadro das idealizações mais íntimas. Confortar-se-ia com o inevitável mas não renunciaria aos seus desejos. D. Margarida repetia os conceitos carinhosos, que lhe caíam na alma como anestésicos suaves, mas, á medida que enxugava os olhos, recolhia no âmago do espírito propositos de vingança, como venenos subtils. Depois de largos minutos de meditação, tinha os olhos fixos, como alucinado por idéia terrível. Permaneceria, sim, junto da velha tia, cuja afeição o preparara na vida com infinita ternura; mas sentia-se inclinado a disputar Madalena até o fim de seus dias. Recordava, rancorosamente, as observações frias e ásperas do tio, e refletiu que D. Inácio lhe pagaria as objeções, a seu ver, audaciosas e ingratas. Não lhe cobraria os débitos contraídos com ele próprio, mas o velho fidalgo tinha outros credores, cujos títulos ele endossara, confiadamente. Buscaria, desse modo, retirar as garantias dadas, logo que julgasse a medida oportuna. Quanto ao atrevido Davenport, esse teria de experimentar, cedo ou tarde, o peso de sua vindita cruel. O tortuo-

so caminho do mundo estava cheio de surpresas. Conservar-se-ia ao lado da prima, qual sentinela sem repouso. O afeto que lhe votava, a seu ver, não admitia condenáveis substituições. Continuará amando-a por toda a vida. Não podia pensar noutra mulher que lhe tomasse o lugar no coração. Quem adivinharia o futuro? Madalena poderia não casar e, se o fizesse, era possível que sobreviesse o desencanto conjugal, ou que enviuvasse algum dia. Se tal acontecesse, estaria, pois, a seu lado, a-fim-de lhe atender ao primeiro sinal.

Após o incidente doméstico, dissimulou com habilidade o odioso rancor que lhe anuviava o espírito, pareceu resignado com a marcha dos acontecimentos.

Cirilo e Madalena estavam longe de pensar nas maquinações sombrias do primo, que lhes presenciava o romance de amor, entre sorrisos indefiníveis e complacentes.

E as semanas corriam formosas e calmas, enfeitadas de projetos deliciosos para o porvir.

Suzana, por sua vez, em virtude da influência paterna, ocultou o odio mortal que lhe intoxicava o coração e, nas festividades com que foi solenizado o casamento de Carolina, na pacata cidade de Blois, procurou reaproximar-se de Madalena com hipocrisia surpreendente. No baile, exhibira preciosa fantasia, tranquilizando o velho Jaques pelo ruidoso prazer e acolhimento carinhoso que dispensava aos noivos, vindos de Paris.

Tudo, afinal, parecia concorrer para a felicidade dos jovens, que não cabiam em si de contentamento e esperança.

Longa carta dos pais de Cirilo dava conta de seu assentimento ao matrimonio, em vista das afetuosas observações de Jaques. Endereçavam ao filho e á futura nora votos de felicidade e paz e lamentavam a impossibilidade de uma excursão á França, para abraça-los pelo auspicioso acontecimento. Madalena sentiu-se mais tranquila após essa carta, desvanecendo os derradeiros resquícios de inquietação.

O jovem Davenport, plenamente identificado com os futuros sogros, sem maior experiencia do mundo, concorreu, satisfeito, com a solicitação para morarem todos

juntos. D. Inácio Vilamil foi o primeiro a tanger o assunto, alegando a moléstia da esposa e o seu demasiado apêgo á filha. A jóvem sempre constituirá o amparo de sua casa e o conforto de seus dias. Filha única, Madalena resumia para os progenitores amorosos o ponto central de seus interesses afetivos. D. Margarida andava sempre enfêrma e quanto a êle, de ha muito não se sentia menos abatido. A ausência da filha sepultaria o ambiente doméstico em tristeza irreparavel. Consentindo em casa-la, não desejavam pensar no seu afastamento e sim na aquisição de mais um filho, que seria o genro, a dilatar-lhes o patrimônio de santas esperanças. Não sómente os aspectos espirituais foram lembrados. Semelhante decisão pouparia aos cônjugues a laboriosa montagem de uma casa com todos os requisitos da vida comum. D. Inácio ponderou as minimas conveniências de fundo econômico, imprimindo ás palavras a fôrça poderosa de suas convicções intimas. Cirilo ouviu-lhe os pareceres com atenção, acedendo, comovido a seus pedidos e, compreendendo as dificuldades de ordem material, procurou aplinar todos os obstáculos defrontados pela família da noiva.

E foi assim que, numa atmosfera de profunda simplicidade e simpatia, realizaram-se as núpcias de Madalena com o rapaz irlandês, no modesto templo consagrado á memória de Santa Genoveva, em Paris (1).

Carolina e o espôso, que passaram a residir em remoto vilarejo do norte, não se abalancaram a viajar com o frio intenso, e Suzana depois de ligeiras providências na capital francesa, partira, dias antes, para a Irlanda, em companhia, de uma família amiga, de Alençon; mas o generoso Jaques tomara um carro em Blois, a-fim-de assistir a cerimônia modesta, trazendo carinhosas lembranças do seu velho parque para os noivos queridos.

Com exceção de três amigas dedicadas da jóvem, inclusive Colete e Cecilia, a solenidade foi apenas acompa-

nhada pelo tio de Blois, pelos pais da noiva e por Antero de Oviedo, que dissimulava difficilmente o ódio que lhe corroía a alma ardente.

Cirilo e Madalena, porém, naquele instante, ignoravam que houvesse perversidade na Terra e não queriam saber de homenagens mundanas. Unidos no seu imenso amor, perante o altar dedicado á padroeira de Paris, foi com sublime enlêvo que receberam a benção do sacerdote, em nome de Deus. Contemplaram-se, reciprocamente, em seus votos de imperecível aliança, como se estivessem atravessando, naquela hora, as portas brilhantes do paraíso, e, entre os amplexos afetuozos que os cercaram em doce vibração de carinho, o jóvem parafremente de alegria acreditou haver encontrado o ninho da felicidade perpétua.

(1) Não nos referimos a Abadia de Santa Genoveva, que se localizava, antigamente, ao sul de Paris. — Nota de EMMANUEL.